dimensão trinitária e o estatuto singular da humanidade do Filho. A apreensão bíblica da missão de Jesus reconduz assim a cristologia na direção do reconhecimento da sua pré-existência como Filho, uma via ascendente que se integra no paradigma de Calcedónia.

Na terceira parte são analisadas três grandes teologias da Páscoa de Cristo: primeiro, a de Santo Agostinho: a mudança das condições e a inclusão dos que são salvos no Cristo total; depois, a de S. Tomás de Aquino: eficácia multiforme e sacramentalidade da única missão de Cristo; finalmente, a substituição dos culpados pelo Inocente, segundo diversos testemunhos da tradição da Reforma e de alguns artesãos da sua receção católica matizada. É-se assim conduzido a um discernimento afinado sobre o julgamento do pecado operado pela Cruz.

Finalmente, na última parte E. Durand propõe uma ligação, sobre novos fundamentos, da oferta universal da salvação e da singularidade de Cristo Salvador. Apoiando-se na complementaridade das parábolas, das declarações e dos acontecimentos, realça a vontade divina de uma salvação universal e explora em seguida a ideia desta universalidade a partir da singularidade humana do único Mediador.

E. Durand confessa que a sua proposta de compreensão da oferta universal da salvação tem algo de audacioso. Trata-se, como quer que seja, de uma reflexão conduzida e amadurecida ao longo de dez anos de investigação e ensino, e que não deixou de ser submetida à leitura crítica e aos contributos que, sobre um ou outro ponto, alguns amigos lhe quiseram dar.

Jorge Coutinho

Corbin, Michel, **La grâce de la liberté. Augustin et Anselme**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 372 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09738-3.

Curiosamente, o título deste livro não é, p. ex., «A graça e a liberdade». Na verdade, «A graça da liberdade» sugere, à partida, a ideia essencial do autor: a liberdade é uma graça. Michel Corbin, bem conhecido especialista no pensamento de Santo Anselmo, coloca-o na sequência de dois livros seus anteriores: *La Trinité ou l'excès de Dieu* (Cerf, 1997) e *Résurrection et nativité* (Cerf, 2002). E faz questão de, no subtítulo, delimitar o âmbito dos autores em que se apoia neste seu estudo: Agostinho e Anselmo. Por outro lado, M. Corbin faz questão de, logo de entrada, assumir para a sua longa reflexão a «lei de êxodo». Que é isso? É a lei que preside a todo o verdadeiro caminho da teologia: uma caminho sempre aberto, sempre em êxodo, que, ao procurar o entendimento da fé nos mais difíceis mistérios da Revelação, não pode repousar num qualquer ponto de vista como se fosse plenamente adequado ou compreensivo, como se fosse um «ponto de vista de Sirius» (p. 11) e que, como tal, possa ser considerado como a última palavra sobre o assunto em causa. É que, no fundo, do que se trata é da demanda de Deus, a qual é necessariamente sempre inacabada e inacabável.

De facto, M. Corbin procede (faz caminho) muito lentamente, muito cautelosamente, analisando muito minuciosamente o que foi já pensado por aqueles grandes teólogos, não sem o socorro de outros, em particular de S. Tomás de Aquino a quem dedica o primeiro capítulo. O capítulo segundo, desenvolve-o na escuta direta da palavra de Deus, centrando-se na

narrativa, paradigmática para o assunto da liberdade e da graça, da anunciação a Maria, contrastando-a com a narrativa paralela da anunciação a Zacarias. Objeto da sua reflexão é aí a essência do livre arbítrio, em confronto com a da liberdade, segundo a distinção de Agostinho que em Tomás também tem o seu lugar, embora sem total coincidência. Se a noção tomasiana de livre arbítrio se tornou clássica na tradição posterior da teologia ocidental, ela deixa uma aporia por resolver: o homem deseja necessariamente o Bem, mas permanece livre na escolha dos meios para o alcançar. Como conciliar esta liberdade com esta necessidade?

A reflexão retoma então o paradigma da Anunciação a Maria, de onde decorre que o poder de dizer *não* à proposta de Deus, «não pertence à liberdade». Ele releva, antes, da condição adâmica do homem sob o domínio do pecado. Então, verdadeiramente livre só pode ser o homem na condição da graça que lhe foi adquirida por Cristo. A verdadeira liberdade deve então ser entendida como o «poder de manter a retidão [*droiture*] de vontade por ela mesma [retidão]». Duas economias da graça devem então ser tidas em conta: a da graça e da liberdade de Adão e a nossa. A reflexão continua com uma longa digressão sobre santidade cristã e sabedoria pagã, ocupando todo o capítulo quinto. O capítulo seguinte procura estabelecer a justa relação entre a graça e o livre arbítrio. Corbin mostra abundantemente que não há lugar para uma relação disjuntiva, como fizera Pelágio. Pelo contrário, a relação deverá ser conjuntiva, por mais que a ação de Deus (ou a graça) sobre as nossas vontades permaneça sempre um grande mistério. Onde está então a essência da verdadeira liberdade? «A nossa liberdade reside apenas em consentir naquela obra que nos ultrapassa e nos constitui, em deixar advir o que de "melhor" Deus previu para nós (He 11, 40), em nos alegrarmos com ele ser "maior que o nosso coração" (1 Jo 3, 20), para além de todos os dons que nos falam do seu amor e nos voltam para Ele.» (p. 281). Os dois últimos capítulos enfrentam dois temas de grande perplexidade para os crentes: esperança e predestinação, e a restauração universal. Numa leitura em diagonal, como a que estamos aqui a fazer e em termos necessariamente abreviados, não é possível traduzir com todo o rigor o pensamento do teólogo Michel Corbin. O que se nos oferece dizer é que a sua inclinação – na base de múltiplas razões e citando inclusivamente *Lumen Gentium*, II, 16 e *Gaudium et Spes* 22, 5 – parece tender para a aceitação de uma final *apocatástase* ou reconciliação universal, tendo em conta a grandeza do coração de Deus e a superabundante riqueza da graça da Redenção (p. 317). A encerrar a totalidade do seu discurso, cita ainda no mesmo sentido S. Paulo aos Romanos: «Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! » etc. (Cf. Rm 11, 33-36).

Jorge Coutinho

Torrell, Jean-Pierre, **Résurrection de Jésus et résurrection des morts. Foi, histoire et théologie**, coll. « Épiphanie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 256 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09815-1.

Sobre dois temas centrais e fundamentais – e particularmente difíceis – da teologia cristã, quais são os da ressurreição de Cristo e da ressurreição dos mortos, o prof. Jean-Pierre Torrell, apresenta aqui uma exposição com duas marcas que o recomendam por si mesmas: a maturidade própria de um investigador e professor (da